

NOVAS TECNOLOGIAS E GESTÃO ESCOLAR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Jaciane Gomes Sousa de Lima Silva¹

RESUMO

Este artigo traz algumas questões sobre a gestão escolar e a inserção e uso das novas tecnologias na escola (SILVA; LIMA; SOUZA, 2019), refletindo a importância do papel de uma gestão democrática (LIMA e SILVA, 2019); . A gestão escolar (ALMEIDA e ALONSO, 2007; LÜCK, 2000, 2006; BANCOVSKY, 2008) precisa ter um papel articulador, integrando os aspectos administrativos e pedagógicos (ALONSO, 2002) e criando, assim, um ambiente propício ao uso das novas tecnologias. A gestão democrática (LÜCK, 1998; SCHNECKENBERG, 2000), apesar de ser uma exigência legal, continua sendo um desafio para os gestores escolares. A gestão escolar precisa coordenar a escola com uma visão do todo, procurando ouvir as diferentes opiniões e considerando cada parte como importante integrante desse todo (ALONSO, 2003; BANCOVSKY, 2008; LÜCK, 2006). A área educacional tem sido uma das áreas mais favorecidas com as novas tecnologias, vistas como um meio potencializador nos processos de ensino e aprendizagem, facilitando a comunicação, ajudando na interatividade entre alunos, professores e profissionais da educação, enriquecendo todo o fazer pedagógico (SILVA; LIMA; SOUZA, 2019; SILVA e ALMEIDA, 2011; ALMEIDA, 2002, 2006; PERRENOUD, 2000; ARRUDA, 2012; SOUSA, 2009).

Palavras-chave: Gestão. Tecnologia. Escola.

INTRODUÇÃO

No contexto da educação brasileira, percebemos uma grande atenção direcionada à função do gestor escolar. Enquanto conceito novo, substituindo o de administrador escolar, ele é um professor-educador, responsável pelo bom funcionamento da escola e pelo seu bom desempenho. Ele é o responsável por organizar, dirigir e coordenar todo o trabalho realizado na escola, e cuida para que as ações convirjam aos objetivos educacionais que a comunidade escolar estabeleceu (ALMEIDA e ALONSO, 2007).

Sabemos que a escola tem a tarefa de desenvolver em seus estudantes as habilidades de criar, pesquisar, desenvolver diferentes habilidades por meio de diferentes ambientes de aprendizagem, além de propiciar situações facilitadoras do desenvolvimento de habilidades

¹ Mestra em Letras- Linguística da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, jaci.cec@gmail.com.

gerais, competências amplas, versatilidade e capacidade de ajustar-se a novas situações de trabalho (ALONSO, 2003).

Segundo Perrenoud (2000),

as escolas não podem mais ignorar o que se passa no mundo, que o desenvolvimento de novas tecnologias da informação e da comunicação transforma espetacularmente não só como se comunicar, mas também, a forma de trabalhar, de decidir e de pensar. (PERRENOUD, 2000, p.125)

Assim, é preciso desenvolver, na escola, habilidades que possibilitem a todos que fazem parte dela interagirem com as novas tecnologias que estão ao nosso redor e aprender por meio destas. Como disse Paiva (2002, p. 7), “uma escola que não recorra, ou melhor, que não integre os novos meios informáticos, corre o risco de se tornar obsoleta”.

A inserção das novas tecnologias na escola não está associada apenas com mudanças tecnológicas, mas também sociais. Conforme salienta Perrenoud (2000),

formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa, a imaginação, a capacidade de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e de imagens, a representação de redes, e de procedimentos e de estratégias de comunicação. (PERRENOUD, 2000, p.128)

Conforme Silva, Lima e Souza (2019), apesar dos avanços que as novas tecnologias podem oportunizar ao contexto educacional, “percebe-se o descompasso nas vivências e práticas dos gestores, professores e estudantes das escolas públicas” (SILVA; LIMA; SOUZA, 2019, p.43), no que se refere à integração dessas tecnologias nas práticas escolares, pois ainda há inúmeras barreiras a serem superadas para que o uso da tecnologia nas escolas seja otimizado.

Para Silva, Lima e Souza (2019),

(...) vale ressaltar a importância da integração das Tecnologias da Informação e Comunicação (TDIC) na prática pedagógica. As TDIC podem auxiliar no desenvolvimento de habilidades e conhecimentos inerentes à inserção dos estudantes, uma vez que estas têm relevância no processo de transformações e desafios que permeiam a sociedade atual. (SILVA; LIMA; SOUZA, 2019, p. 43)

A gestão escolar tem um papel fundamental de mediação na inserção das novas tecnologias no ambiente escolar. Ela precisa oportunizar e facilitar o acesso aos recursos tecnológicos disponíveis incentivando, motivando o desenvolvimento dos profissionais,

tornando mais fácil o envolvimento de todos com as novas tecnologias (SILVA; LIMA; SOUZA, 2019).

METODOLOGIA

De caráter bibliográfico e interpretativo, esta pesquisa traz reflexões a respeito de questões sobre a gestão escolar e a inserção e uso das novas tecnologias na escola, refletindo a importância do papel de uma gestão democrática.

O QUE É A GESTÃO ESCOLAR?

Para Lück (2000) a gestão escolar

(...) constitui uma dimensão importantíssima da educação, uma vez que, por meio dela, observa-se a escola e os problemas educacionais globalmente, e se busca abranger, pela visão estratégica e de conjunto, bem como pelas ações interligadas, tal como uma rede, os problemas que, de fato, funcionam de modo interdependente. (LÜCK, 2000, p. 8)

A sociedade atual, em constante processo de mudança, tem demandado novas exigências sociais e exigido respostas rápidas, agilidade nos pensamentos e nas atitudes. Os padrões da escola também passam por transformações contínuas e seu espaço vai sendo modificado.

Segundo Lima e Silva (2019, p. 3615), embora saibamos que a escola não é o único espaço que viabiliza a mudança social de forma efetiva, reconhecemos que ela se constitui “num espaço fundamental para o acesso ao conhecimento sistematizado, o qual propiciará a formação do cidadão crítico e participativo”. Assim, é preciso repensar essa escola “em conjunto com os demais segmentos da sociedade, com a intencionalidade de uma luta coletiva em prol de uma escola de qualidade e com uma gestão democrática” (LIMA e SILVA, 2019, p. 3615).

Como salienta Lück (2000), a gestão escolar

é uma dimensão, um enfoque de atuação, um meio e não um fim em si mesmo, uma vez que o objetivo final da gestão é a aprendizagem efetiva e significativa dos alunos de modo que, no cotidiano que vivenciam na escola, desenvolvam competências que a sociedade demanda, dentre as quais se evidenciam: pensar criticamente, analisar informações e proposições diversas, de forma contextualizadas; expressar ideias com clareza, tanto oralmente como por escrito; empregar a aritmética e a estatística para resolver problemas e

conflitos dentre outras competências necessárias para a prática de cidadania responsável. (LÜCK, 2000, p. 8)

O gestor é aquele que mobiliza seu grupo e não restringe seu trabalho à área administrativa da escola. Para que a equipe escolar tenha um projeto comum, o gestor precisa ter uma visão sistêmica, sem fragmentar administrativo e pedagógico. Alonso (2002) é bem enfático sobre essa fragmentação ao dizer que “(...) o trabalho administrativo somente ganha sentido a partir das atividades pedagógicas que constituem atividades-fim, ou propósitos da organização escolar” (ALONSO, 2002, p. 23).

Para Lück (2006),

[...] a gestão participativa se assenta, portanto, no entendimento de que o alcance dos objetivos educacionais, em seu sentido amplo, depende da canalização e do emprego adequado da energia dinâmica das relações interpessoais ocorrentes no contexto de sistemas de ensino e escolas, em torno de objetivos educacionais, concebidos e assumidos por seus membros, de modo a construir um empenho coletivo em torno de sua realização. (LÜCK, 2006, pp. 22,23)

É salutar que o gestor dê condições para que a comunidade escolar escolha a melhor maneira de trabalhar, dos caminhos a serem percorridos para que os objetivos comuns sejam alcançados. Espera-se que os educadores tornem-se mais autônomos e tenham uma nova forma de administrar a escola pública, centrada na comunicação e no trabalho coletivo.

Para Alonso (2003, p. 87), autonomia não quer dizer apenas gestão centrada na escola, mas também o aumento de “flexibilidade, alterações no sistema de controle e desburocratização dos processos administrativos, tornando-os mais adequados àquela realidade escolar”.

A autonomia e a democratização na escola, as práticas pedagógicas e educativas que compreendem a comunidade escolar, possibilitam uma educação com a “autonomia do ser educando” (FREIRE, 1996, p. 14).

Conforme Lima (2002),

[...] a autonomia da escola, a autonomia dos professores e dos alunos, e de outros actores educativos, concretizando-se através de processos democráticos de tomada de decisões, incidindo sobre todas as áreas político-educativas (curriculares, didáticas, avaliativas, organizacionais, administrativas etc.), ainda que em graus variáveis, consubstancia-se no exercício de uma pedagogia da autonomia, assegurando-lhe condições para a sua realização livre e democrática, mas, sobretudo, traçando-lhe um quadro de valores, objectivos e projectos político-educativos de referência. (LIMA, 2002, p. 96)

Segundo Lück (1998), o conceito de gestão associa-se ao fortalecimento da democratização do processo pedagógico, representando não só novas ideias, mas também um novo paradigma, que traz uma orientação transformadora na rede de relações na escola.

Cada escola desenvolve o seu projeto político-pedagógico. Isso permite que os atos e atitudes organizacionais sejam conforme às necessidades locais. É uma autonomia conquistada através de uma gestão democrática.

O que vem a ser uma gestão escolar democrática?

A Constituição de 1988 apresentou pela primeira vez o termo “gestão democrática do ensino público” na forma da lei², no artigo 206, dizendo que o ensino seria ministrado com base nos princípios da gestão democrática do ensino público.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei nº 9.394/96, reforça esse princípio da gestão democrática quando ratifica os preceitos constitucionais e especifica os níveis e modalidades que compõem a educação nacional, a organização do sistema de ensino no país, as formas de financiamento e as competências dos entes federados – União, Estados e Municípios. A LDB estabeleceu, em seu artigo 14, que “os sistemas de ensino definirão as normas de gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios”:

- I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;
- II - participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes³.

A gestão escolar democrática acontece na medida em que as pessoas que participam da comunidade escolar passam a participar das decisões do seu trabalho e todas estão comprometidas com os resultados da escola como um todo. Os planos de trabalho não são jogados de cima para baixo, mas são construídos colaborativamente, com todos, e implementados e avaliados também por todos (LÜCK, 1998).

Segundo Lima e Silva (2019),

(...) é necessário que a ação pedagógica da escola consista num processo de participação e, por consequência, a gestão escolar seja também participativa,

² De acordo com a Constituição Federativa do Brasil, no artigo 206, inciso VI. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 10 de jul. 2019.

³ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei 9.394/96 – artigo 14. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 jul. 2019.

caracterizando assim a gestão democrática, pois quando a escola não possibilita o engajamento construtivo de todos os seus segmentos, está se opondo à democracia. (LIMA e SILVA, 2019, p. 3613)

Para as autoras, “uma democracia é uma comunidade inclusiva, ou seja, procura fazer as pessoas tomarem parte do processo, reconhece a diversidade entre seus membros e abre a porta à participação, fazendo estas pessoas sentirem-se parte desta comunidade” (LIMA e SILVA, 2019, p. 3613).

Como salientam Lima e Silva (2019),

criar uma cultura democrática e exercê-la é condição essencial para o funcionamento de uma escola democrática. Vale ainda salientar que a implementação de uma cultura democrática de gestão escolar, implica encontrar formas para concretizar de maneira satisfatória os serviços que a comunidade espera da escola pública, principalmente a oferta de uma educação de qualidade se constitui avanço e também um desafio para a gestão democrática na rede pública de ensino. (LIMA e SILVA, 2019, p. 3614)

A gestão escolar precisa ter uma visão do todo para auxiliar os professores nas demandas e expectativas sociais que a formação dos jovens exige. Ela deve estimular as transformações, as práticas inovadoras que precisam entrar na escola, e abrir espaço para as novas maneiras de pensar os processos de ensino e aprendizagem.

A gestão precisa criar na escola um ambiente favorável para que os professores possam desenvolver seus projetos, trocarem experiência e serem cooperadores uns com os outros. E por fim, deve saber articular bem o pedagógico e o administrativo, pois isso representa a coordenação do trabalho coletivo na escola.

O clima da escola vai ajudar ou atrapalhar o envolvimento dos membros da equipe. As pessoas devem encontrar um clima agradável para que possam sentir prazer em contribuir. Elas precisam situar-se como pessoas capazes de comprometer-se e participar com autonomia. Cabe ao gestor criar esse clima agradável. É um ambiente onde cada um percebe que tem responsabilidades por suas ações, cada um mostra o que pode fazer, o que sente e pensa e o que é como cidadão (SCHNECKENBERG, 2000).

Segundo Lima e Silva (2019)

é de importância fundamental que a escola se organize de maneira que garanta condições para uma ampla participação de professores, estudantes, funcionários, pais e representantes dos diferentes segmentos sociais da comunidade, todos trabalhando em conjugação de objetivos comuns, num

esforço coletivo, delineando as linhas norteadoras da ação educativa na escola. (LIMA e SILVA, 2019, p. 3615)

Para Bancovsky (2008), é papel do gestor escolar ter uma visão da complexidade e da totalidade da escola e do mundo, para poder, assim, oferecer a toda a comunidade escolar uma educação pautada no respeito, na liberdade e na dignidade.

Alonso (2003) recomenda aos gestores ouvir as diferentes opiniões e aprender a lidar com a diversidade. Isso facilita a participação do grupo. É da diferença de ideias que surgirá uma mais adequada para a solução mais adequada para o grupo. É um trabalho colaborativo.

A GESTÃO ESCOLAR E AS NOVAS TECNOLOGIAS

Segundo Santos (2008),

(...) o século que se inicia vai exigir uma nova escola, organizada e gerida em bases totalmente diferentes, com mais dinamismo e criatividade para ser capaz de interpretar as solicitações de cada momento e criar condições mais propícias para um trabalho escolar mais eficaz. (SANTOS, 2008, p. 35)

A escola está inserida em um novo contexto. Ela participa de um ambiente global, interdependente, rápido e tecnológico. Logo, ela necessita estar preparada, com condição de implementar o que os novos tempos exigem.

Para que uma gestão escolar consiga cumprir com isso, espera-se que ela

- Promova mudanças estruturais – flexibilidade;
- Utilize os diferentes espaços de informação;
- Faça parcerias com outras instituições;
- Incorpore a tecnologia na aprendizagem;
- Viabilize a participação dos alunos nas decisões de forma responsável;
- Estimule a aprendizagem ativa e a participação em projetos;
- Propicie o desenvolvimento profissional dos professores e administradores;
- Favoreça a participação da comunidade na escola – conselhos consultivos;
- Abra a escola para o meio exterior, extraíndo do social os elementos necessários ao processo de mudança e renovação da instituição;
- Assuma com responsabilidade os resultados do trabalho escolar – sucesso ou fracasso – e defina a sua política de ação a partir deles;
- Coloque o administrativo a serviço do pedagógico pondo em execução o Projeto Pedagógico da Escola, elaborado com a comunidade escolar;
- Mantenha o currículo e sua implementação no centro das atenções, definindo prioridades em função dele. (ALONSO, 2003, p. 35-36)

Como afirmam Silva, Lima e Souza (2019),

A gestão escolar deve procurar mediar o uso dos recursos tecnológicos, oportunizando e facilitando o acesso a estes, isso por meio de reuniões e estudos. A gestão também tem o papel de incentivar, motivar o desenvolvimento dos profissionais, tornando mais fácil o envolvimento de todos no uso das tecnologias. (SILVA; LIMA; SOUZA, 2019, p. 45)

Para Silva, Lima e Souza (2019),

A gestão escolar tem outra tarefa bem difícil que é proporcionar, facilitar a formação pedagógica direcionada às tecnologias digitais dos professores de forma ampla, pois muitos professores nunca tiveram formação nesta área. Por isso, muitos professores não se sentem à vontade para utilizar os recursos tecnológicos de que a escola dispõe. (SILVA; LIMA; SOUZA, 2019, p. 45)

Logo, é papel do gestor/educador escolar introduzir a inovação na escola e não contrapor-se a ela. De acordo com Lück (2010), é comum, em qualquer contexto social, a resistência às mudanças. Segundo a autora, para que a mudança ocorra na escola, são necessários três pilares: competência, determinação e perseverança.

AS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA

O avanço da tecnologia tem marcado o mundo atualmente. A informática passou a ser, em todo o mundo, um recurso de trabalho e também um meio para se buscar o conhecimento. A internet é, hoje, um novo espaço de comunicação entre as pessoas, por meio de seus ambientes virtuais. Ela é um meio de construção de relações de amizades, de troca de informações, independente da distância em que as pessoas se encontram. Ela também é uma grande facilitadora em criar ambientes onde se pode desenvolver atividades de ensino e aprendizagem.

Silva e Almeida (2011), tratando sobre o uso das tecnologias digitais da informação e comunicação, afirmam que

vivemos sob conexão e em conexão com outros, vivemos a partir do mundo digital, e este, sempre acompanhado de mídias e dispositivos em formatos diversos, nos acrescenta novas funções de comunicação. Servimo-nos, em nosso cotidiano, dos recursos possíveis à comunicação e à informação, e é principalmente da tecnologia da Internet que nos valemos para realizar transações, ouvir música, assistir a vídeos, acessar notícias, comunicar, conversar, compartilhar, informar e produzir informações. (SILVA e ALMEIDA, 2011, p. 28).

Vivemos em uma sociedade tecnológica, mas, apesar disto, parece que as tecnologias não chegaram ainda nas escolas. Conforme Karsentii (2010),

parece que ainda existe uma distância muito grande entre o meio escolar e a sociedade impregnada de tecnologias na qual vivem os jovens (...) a escola não parece ter conseguido construir a ponte entre as transformações tecnológicas e sociais vividas no seio da sociedade e a sala de aula, onde o aluno é “forçado” a estudar, obrigado a escutar, afastado das inovações, apertado em um horário relativamente restrito. (KARSENTII, 2010, p.338)

Encontramos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (2000) que as novas tecnologias da comunicação e da informação

permeiam o cotidiano, independente do espaço físico, e criam necessidades de vida e convivência que precisam ser analisadas no espaço escolar. A televisão, o rádio, a informática, entre outras, fizeram com que os homens se aproximassem por imagens e sons de mundos antes inimagináveis. (BRASIL, 2000, p.24)

Pensando nas escolas públicas de Pernambuco, sabemos que o quantitativo de recursos tecnológicos existentes na maioria delas é insuficiente para a criação de uma cultura tecnológica. Muitas das nossas escolas não possuem laboratório de informática, e quando existe o laboratório, a maioria dos computadores está em péssima condição de uso. Não há internet. Não há formação suficiente para o professor utilizar os recursos existentes. Muitos professores não sabem utilizar nem um projetor.

Porém, quando a equipe gestora esforça-se para organizar um ambiente propício ao uso dos recursos disponíveis na escola, esse uso é potencializado. Assim, é possível criar condições para o desenvolvimento de atividades que envolvam esses recursos. Pois, como salienta Girardi (2011), o bom uso dos recursos tecnológicos em uma escola depende de sua infraestrutura. É preciso que ela tenha uma infraestrutura adequada, uma boa formação de recursos humanos, e decisões políticas apropriadas, amparadas pela capacidade de realização.

É importante também que a gestão não apenas conheça e saiba usar os recursos tecnológicos, mas que os incorpore em suas práticas, utilizando-os em seu ambiente de trabalho.

Para Silva e Almeida (2011),

entre o final do século XX e o início do século XXI, a disseminação do uso das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) transformou as relações espaço-temporais, potencializou a mobilidade funcional e acentuou

as mudanças já em curso nos modos de trabalho, na produção de conhecimento e na aprendizagem, o que evidenciou a necessidade de preparar profissionais para viver e trabalhar na sociedade tecnológica (...) decorrente das desigualdades sociais, levando-os à definição de políticas públicas de inclusão digital, entre as quais as ações de uso de tecnologias nas escolas. (SILVA e ALMEIDA, 2011, p. 27)

Segundo Arruda (2012),

(...) o processo de ensino e aprendizagem pode ser amplamente beneficiado com a utilização das tecnologias, que são potentes catalisadoras deste processo. O docente, de posse delas, poderá ampliar o seu repertório de como ensinar, as suas estratégias, repensar as abordagens pedagógicas usadas e criar novas e desafiadoras situações de aprendizagem. Por outro lado, o aluno poderia: variar o ritmo de sua aprendizagem melhorar seu desempenho com relação à apropriação do conhecimento, alterar sua disponibilidade e sua relação com o processo de aprendizagem (até mesmo na sua interação com o docente) e desenvolver-se de maneira mais completa para enfrentar os obstáculos e incertezas do mundo do trabalho. (ARRUDA, 2012, p. 36)

Arruda (2012) alerta quanto à presença das tecnologias como estratégias de aprendizagem nos planos de aula ou no currículo, ao dizer que, muitas vezes, estão lá mais como “motivadoras da aprendizagem dos alunos ou como fornecedoras do status de modernização para as escolas, do que para ampliar os desafios do meio e apresentar ao aluno uma gama maior de estratégias de aprendizagem” (ARRUDA, 2012, p. 36).

A autora corrobora com o que diz o MEC em 2005, ao promover a educação à distância intitulada: Integração das Tecnologias na Educação, ao afirmar que

o professor que associa a TIC aos métodos ativos de aprendizagem desenvolve a habilidade técnica relacionada ao domínio da tecnologia e, sobretudo, articula esse domínio com a prática pedagógica e com as teorias educacionais que o auxiliem a refletir sobre a própria prática e a transformá-la, visando explorar as potencialidades pedagógicas da TIC em relação à aprendizagem e à consequente constituição de redes de conhecimentos. (MEC/SEE 2005, p. 72)

Para Sousa (2009),

informática na educação é hoje uma das áreas mais fortes da Tecnologia Educacional e uma reflexão sobre os significados do termo “tecnologia” bem como integrá-las à prática pedagógica é um bom começo para uma perspectiva ampla sobre as possibilidades e limites das novas tecnologias da informação (TI) no cotidiano da escola. (SOUSA, 2009, p. 1758)

Uma das dificuldades que o professor enfrenta para utilizar os recursos tecnológicos em suas aulas, diz respeito ao currículo. Segundo Grinspun (2002)

a utilização das tecnologias com sua dimensão interativa mostra que a educação tem que mudar para que o indivíduo não venha a sofrer com lacunas que deixaram de ser preenchidas porque a educação só estava preocupada com um currículo rígido voltado para saberes e conhecimentos aprovados por um programa oficial. (GRINSPUN, 2002, p. 30)

Para Rezende (2002), é preciso que haja mudança de concepção, de certas crenças arraigadas no interior da escola, pois introduzir novas tecnologias na educação não quer dizer que se está com novas práticas pedagógicas. Podemos estar apenas vestindo “o velho com roupa nova, como seria o caso dos livros eletrônicos, tutoriais multimídia e cursos a distância disponíveis na internet”, não muda nada no que diz respeito à concepção dos processos de ensino e aprendizagem (REZENDE, 2002, p. 02).

Lèvy (1999) traz-nos uma reflexão quanto à inserção das tecnologias nas práticas de ensino. Ele salienta que precisamos pensar criticamente, considerando que as novas tecnologias representam uma modificação das mentalidades e da cultura da sociedade, e que necessita ser vista e analisada, pois

não se trata aqui de utilizar a qualquer custo as tecnologias, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que está questionando profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educativos tradicionais e, notadamente, os papéis de professor e aluno. (LÈVY, 1999, p.10)

Corroborando com esse pensamento, Karsentii (2010) diz que

introduzem-se tecnologias sem verdadeiramente mudar o resto da escola ou a pedagogia que se pratica ali: nesse ponto estaria o verdadeiro desafio da integração das TIC à escola(...) o problema da incursão das TIC na pedagogia ultrapassa as condições materiais e estaria mais ligado à necessidade de mudanças radicais na maneira de dar aula, que segundo vários estudos, mudou muito pouco ao longo do último século. (KARSENTII, 2010, p.338-339)

Conforme Silva, Lima e Souza (2019), a sociedade de hoje exige um ensino diferenciado. Espera-se uma prática pedagógica em que o professor atua como mediador na aprendizagem do estudante. Um professor que orienta, auxilia, direciona o estudante no uso das tecnologias, estimulando-o a buscar as informações necessárias ao seu desenvolvimento.

Para Silva, Lima e Souza (2019),

O professor, como mediador na aprendizagem dos estudantes, precisa ter um conhecimento a respeito do uso dos recursos disponíveis para que ele possa integrar esses recursos em sua prática pedagógica, explorando as possibilidades que esses recursos podem trazer à

aprendizagem, proporcionando um ambiente motivador para o estudante, otimizando, assim, uma aprendizagem significativa. (SILVA; LIMA; SOUZA, 2019, p. 43)

O professor não precisa temer a utilização das TDIC, nem considerá-las como concorrentes, mas olhá-las como aliadas na sua prática de sala de aula, reconhecendo que elas jamais o substituirá. “Vale salientar que é necessário que o professor se sinta seguro e reconheça sua importância no processo de inserção e integração das tecnologias no espaço escolar” (SILVA; LIMA; SOUZA, 2019, p. 47).

Segundo Almeida (2002), a incorporação das TICs na escola ajuda a expandir o acesso à Informação, promove a criação de comunidades colaborativas de aprendizagem que favorecem a construção do conhecimento, a comunicação, a formação continuada, a gestão administrativa, pedagógica e de informações.

Almeida (2006) também salienta que

[...] o uso das tecnologias na gestão escolar revela novos papéis dos seus profissionais – como organizadores de informações, criadores de significados e líderes – na tomada compartilhada de decisões. Esses profissionais encontram nas tecnologias, especialmente naquelas de Informação e Comunicação, o suporte adequado para o desenvolvimento de suas atividades, apoiadas em informações provenientes de fontes distintas, internas ou externas ao sistema, e na colaboração com seus pares e com a comunidade escolar. (ALMEIDA, 2006, p. 104)

Para Perrenoud (2000),

formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa, a imaginação, a capacidade de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação. (PERRENOUD, 2000, p. 128)

Uma gestão escolar comprometida com a inovação da escola vai direcionar junto ao seu corpo docente uma prática em que todos possam refletir sobre as grandes contribuições que a tecnologia pode proporcionar aos processos de ensino e aprendizagem, pois os recursos tecnológicos, sozinhos, não geram mudanças. Sua inserção na escola exige a formação contextualizada de todos os envolvidos, para que possam identificar os problemas e as necessidades relacionadas à implantação e uso desses recursos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As novas tecnologias estão presentes não apenas em todo o âmbito social, mas principalmente nas salas de aulas, onde os professores têm a grande tarefa de formar estudantes capazes de adaptarem-se às constantes transformações. Alguns recursos tecnológicos como o computador, o tablet, o celular, o projetor, a TV, o vídeo, entre outros, podem ser usados na escola, já que eles podem proporcionar práticas pedagógicas mais dinamizadoras, coletivas, e contribuir, assim, para uma aprendizagem mais significativa.

A gestão escolar precisa, portanto, ver meios para integrar esses recursos no ambiente escolar, para que se tenha um trabalho que não busca apenas a transmissão do conteúdo curricular, mas a efetiva aprendizagem do aluno.

Conforme Almeida (2000, p. 107), quanto maior a participação e o compromisso dos educadores (professores, demais agentes educacionais e principalmente os coordenadores e dirigentes) nas ações e formação, e quanto maior for o nível de colaboração, participação e articulação entre todos os envolvidos nas decisões sobre o currículo e a gestão no processo de formação, “maior será a possibilidade de sucesso dos projetos inovadores que a instituição se proponha a realizar e, especialmente, o projeto de integração do computador com a prática pedagógica”.

Para Kenski (2007), a escola tem um grande papel social no sentido de formar não apenas os jovens, mas todas as pessoas, dando-lhes condições de dominar conhecimentos e melhorar, assim, a qualidade de vida de todos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. **O computador na escola**: contextualizando a formação de professores. 2000, PUC, São Paulo. Tese (Doutorado em Educação: Supervisão e Currículo).

_____. Escola em mudança: experiências em construção e redes colaborativas de aprendizagem. In: ALONSO, M.; ALMEIDA, M. E. B. (Orgs.) **Formação de Gestores Escolares para Utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação**. São Paulo: Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo, PUC/SP, 2002.

_____. O Projeto Gestão Escolar e Tecnologias. In: ALMEIDA, F. J.; ALMEIDA, M. E. B. (Orgs.) **Liderança, gestão e tecnologias**: para a melhoria da educação no Brasil. São Paulo: [s.n.], 2006.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini e ALONSO, Myrtes (org.). **Tecnologia na formação e na gestão escolar**. São Paulo: Avercamp, 2007.

ALONSO, Myrtes. O Trabalho Coletivo na Escola. In: **Formação de Gestores Escolares para Utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação**. São Paulo: Ed. Takano, 2002. p. 23-28.

ALONSO, M. O trabalho coletivo na escola e o exercício da liderança. In: **Gestão educacional e tecnologias**. São Paulo: Avercamp, 2003.

ARRUDA, Heloisa Paes de Barros. **Planejamento de aula e uso de tecnologias da Informação e Comunicação**: percepção de docentes do Ensino Médio. Doutorado em Educação: currículo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012.

BANCOVSKY, Renata. **Formação e prática de gestão escolar com o uso das tecnologias**. 2008. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, 2008.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares- Ensino Médio**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. 2000.

CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas**: ciências para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, W. **Administração educacional em crise**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GIRARDI, C. S. **Formação de Professores acerca de novas tecnologias na educação**. Brasília, 2011. Dissertação (Graduação em Biologia). Universidade de Brasília.

GRINSPUN, M. P. S. Zippin. **Educação tecnológica**: desafios e perspectivas. 3ª ed. São Paulo: Cortez. 2002.

KARSENTII, Thierry. As tecnologias da informação e da comunicação na pedagogia. In: TARDIF, Maurice. GAUTHIER, Clermont. **A pedagogia**: Teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Petrópolis RJ: Vozes, 2010.

KENSKI, M. V. **Educação e tecnologias**: O novo ritmo da informação. Campinas: Papyrus, 2007.

LÈVY, Pierre. Educação e cibercultura In: **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. Disponível em:

<www.ufjf.br/grupar/files/2014/09/educacao-e-cibercultura_P-Levy-1.doc> Acesso em 25 jul. 2019.

LIMA, L. C. **Organização escolar e democracia radical**: Paulo Freire e a Governação Democrática da Escola Pública. 2. ed. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2002.

LIMA, S.F.; SILVA, Jaciane G. S. L. Gestão democrática: avanços, limites e desafios. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 5, n. 4, p. 3612-3618, apr. 2019.

LÜCK, HELOISA *et al.* **A Escola Participativa**: o trabalho do gestor escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

LÜCK, H. Perspectiva da gestão escolar e implicações quanto à formação de seus gestores. In: **Em aberto**/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Gestão escolar e formação de gestores. v. 17. Brasília: O Instituto, 2000.

_____. **A gestão participativa na escola**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MEC/SEED. **Integração das tecnologias na Educação.** Secretaria de Educação à Distância. Brasília, 2005.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN; MASETTO E BEHRENS. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica.** 16ª ed. Campinas: Papirus, 2000.

PAIVA, J. **As tecnologias de informação e comunicação: utilização pelos professores.** 2002. Disponível em: < <http://nautilus.fis.uc.pt/cec/estudo/dados/estudo.pdf> > Acesso em 20 ago. 2019.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar.** Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

REZENDE, Flavia. Pesquisa em Educação em Ciência. **As novas tecnologias na Prática Pedagógica sob a Perspectiva Construtivista.** Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, UFRJ, Rio de Janeiro; v. 2, n. 1, p.1-17, mar.2002.

SANTOS, C. R. **A Gestão Educacional e Escolar para a Modernidade.** São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SILVA, Jaciane G.S.L.; LIMA, S.F.; SOUZA, V.M. A gestão escolar e a inserção das tecnologias digitais de informação e comunicação na prática pedagógica. **Revista Mais Educação** - Editora Centro Educacional Sem Fronteiras, V.2, N.6, São Paulo, 2019.

SILVA, Maria da Graça Moreira da; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianoncini de. **O Cenário atual do uso das tecnologias digitais da informação e comunicação.** Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil; TIC Educação 2010. São Paulo, Comitê Gestor de Internet no Brasil, 2011.

SCHNECKENBERG, Marisa. A Relação entre Política Pública de Reforma Educacional e a Gestão do Cotidiano Escolar. **Em aberto**, Brasília, MEC/INEP, v. 17, n.72, p.113-124, fev/jun. 2000.

SOUSA. E. S. C. de. **Políticas Educacionais e Educação Tecnológica.** In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE POLÍTICAS E PRÁTICAS CURRICULARES “DIFERENÇA NAS POLÍTICAS DE CURRÍCULO”. IV. 2009. João Pessoa-PB. p. 1755 a 1768.